

A UNIVERSIDADE COMO CENTRO CULTURAL DO PAÍS

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Agradeço a gentileza do Professor José Maria B. de Paiva, permitindo-me retornar à convivência universitária. E, sem sombra de dúvida, uma volta às fontes do humano, para usar uma expressão de Charles Peguy.

Albert Camus escreveu que, certa vez, "um sábio oriental pediu a divindade, em suas orações, que lhe poupasse viver numa era interessante. Como nós não somos sábios, a divindade não nos poupou e vivemos numa era interessante".

Já escrevi em outra ocasião que o desenvolvimento de qualquer sociedade tem em si mesmo a proporção dos problemas da humanidade em seu inesgotável processo de transformação criadora.

A sociedade em que vivemos sente a perplexidade de um momento de grandes mudanças estruturais. O que todos pressentimos é a exaustão de soluções institucionais que não descobrem outros horizontes além da afluência. Mais que tudo, sentimos a incapacidade que os avanços da ciência e da técnica revelaram para construir a felicidade do homem. Como bem assinalou Thomas Merton

o problema central do mundo moderno é a completa emancipação e autonomia da mente técnica, numa época em que possibilidades ilimitadas se abrem diante dela e todos os recursos parecem estar à mão.

Realmente, pode parecer despropositado que a abertura de novas perspectivas científicas e tecnológicas não tenham evitado que o mundo se tornasse mais difícil. O que ocorre é que, hoje, mais do que em qualquer outro período da história, existe um vínculo forte entre as

nações. Muitos problemas são comuns. Mas, em contrapartida, como adverte David Thomson,

a importância das forças isolacionistas, autárquicas e separatistas tem sido, durante os últimos cinquenta anos, uma característica da história mundial, de valor pelo menos igual ao desenvolvimento da cooperação internacional.

O desafio está no fato de que tanto na frente interna, como na vida internacional, não temos encontrado uma paz interior verdadeira que permitisse ao homem aplicar a sua inteligência na construção de sua própria felicidade. Em síntese, tudo indica que não estamos percebendo a necessidade de transformar o saber em sabedoria.

Podemos todos unanimemente afirmar que o ponto básico de nosso tempo é reencontrar a vida cultural; fazê-la reintegrar-se no nosso dia-a-dia; retomá-la como condição existencial. E, na verdade, o que é a cultura se não o esforço humano para dominar a natureza, transformá-la pela criação e subordiná-la aos fins da pessoa humana? É, pois, com esta concepção de cultura que o homem vai redimensionar o seu tempo histórico, repensar os valores sociais e reconquistar a plenitude de uma existência digna.

Quantas vezes aceitamos, sem reação, uma nova conquista da humanidade que, sabemos, poderá conduzi-la por caminhos que não desejamos? Pensamos pouco nos seus efeitos e na extensão dos seus poderes. Não será porque perdemos, talvez até inconscientemente, a dimensão cultural da própria vida? Ou, sob ângulo mais grave, não estaremos valorizando sem medida os meios, com o conseqüente desprezo dos fins e dos valores?

Acreditamos que a beleza da vida humana merece uma meditação de maior fôlego. O eixo das nossas preocupações deve deslocar-se para a redescoberta de horizontes além da tecnologia, e queremos abranger aqui toda a gama de construções modernas, teóricas

e práticas, que esquecem o social em detrimento do exclusivamente material, seja com relação às posturas individuais, seja com relação à própria concepção do Estado.

O que podemos testemunhar é que uma sociedade não sobrevive com níveis razoáveis de felicidade se for organizada com critérios puramente técnicos ou científicos. É possível, neste campo, ir mais além. Uma sociedade que permita e estimule a realização do homem como pessoa deve, antes de tudo, facilitar a atividade criadora e, portanto, valorizar os sentimentos e fomentar aspirações. A sociedade assim concebida deve ter por base um ideário sempre renovado.

Queremos crer que estas reflexões são apropriadas no início da nova jornada universitária. A universidade é o centro cultural por excelência. Ela encerra formalmente o processo educacional. Mas, ao mesmo tempo, nela iniciamos o nosso pensar sobre o mundo.

William F. Cuninham respondendo à pergunta "O que é educação?", afirma que "tanto do ponto de vista da sociedade como do indivíduo, educação é estímulo de transformações". Não é, portanto, apenas adquirir conhecimento e desenvolver habilidades.

Em realidade, esse "estímulo de transformações" nada mais é do que a projeção do saber na escala social. Vale dizer que, sem dúvida, a educação pode ser considerada, de certa forma, uma preparação para o futuro.

Mas o que será essa "Preparação para o Futuro?" Acreditamos sinceramente que a Universidade deve propiciar uma adequada compreensão da realidade social e deve favorecer o desenvolvimento da capacidade crítica de cada um dos seus membros com relação ao "uso do futuro". Para esse efeito, a universidade deve ser útil à sociedade; deve ser instrumento para que esta realize o seu fim maior, que é o de assegurar ao homem a plenitude de suas faculdades pessoais. Nesse

sentido a universidade deve realizar um papel formador, e não meramente informador.

Como assinalou Edgar Faure a educação do nosso tempo deve ser para formar o homem completo. Trata-se de não mais adquirir, de maneira exata, conhecimentos definitivos, mas de se preparar para elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução e de "aprender a ser". Vale dizer, ainda com Edgar Faure,

é preciso que o novo homem seja capaz de compreender as conseqüências globais dos comportamentos individuais, de conceber as prioridades e de assumir as formas de solidariedade que constituem o destino da espécie.

Diante desse quadro - rabiscado tão sumariamente - estamos todos frente a uma nova necessidade: dimensionar a universidade de acordo com o seu papel histórico de centro cultural.

Os que hoje iniciam a caminhada, os que nela prosseguem, estudantes e professores, sabem que devemos preocupar-nos com o essencial, não com o episódico. E, nesse sentido, a universidade deve necessariamente voltar-se para a pesquisa, e sobre ela ordenar a busca da sabedoria.

A grande passagem da universidade brasileira, vencida a etapa que começou em 1968, com a positivação da reforma universitária, é, portanto, a da consolidação da pesquisa. Não se pode mais conceber a universidade como simples receptora de inteligências para moldá-las profissionalmente ao cabo de certo tempo, devolvendo-as à sociedade para o exercício de habilidades formalmente adquiridas. Certamente esse papel não é desprezível, mas torna-se extremamente perigoso quando é exclusivo.

É freqüente a formulação de juízos negativos sobre a universidade brasileira. Mas tal não corresponde a nossa realidade. É certo

que no universo da educação brasileira, não se pode ainda pretender a unanimidade da excelência. Mas já se pode obter, como de fato ocorre, uma nova postura diante do conhecimento. Essa nova postura é exatamente não diminuir o seu valor institucional pela redução da sua capacidade de gerar idéias e desvendar mistérios, no ciclo interminável do saber humano. E vale a advertência de que os novos rumos não se aplicam apenas às ciências ditas exatas. É preciso, ao revés, estimular sempre mais a produção das ciências sociais de modo a garantir-se padrões de modernidade e de equilíbrio entre o avanço da ciência e da técnica e a felicidade do homem.

Por outro lado, é necessário reconhecer que a universidade deve fazer um esforço endógeno para atingir níveis cada vez mais promissores de integração social. Isto quer dizer, em síntese, que a instituição de ensino superior não se compromete socialmente apenas com a formação de profissionais. Ela se compromete gerando recursos alternativos em termos culturais. É essa a única forma de justificar a disponibilidade de tantas inteligências na missão universitária.

Tudo o que pensamos sobre a universidade deve ser cobrado de nós mesmos. A tendência de transferir responsabilidades e culpas é tentadora. Mas, muito freqüentemente, a nossa atenção é desviada do essencial e perdemos tempo valioso para o aperfeiçoamento das nossas instituições universitárias.

Como já acentuamos antes, a nossa responsabilidade aumenta da medida em que compreendemos a necessidade de dominar a natureza, gerando riquezas e distribuindo-as para que todo o homem possa realizar-se integralmente. Para esse objetivo maior temos de bem aproveitar o tempo disponível a fim de assegurarmos rendimento intelectual ótimo nas atividades que desenvolvemos. Esse procedimento tem efeito multiplicador, beneficiando toda a comunidade. Só dessa forma seremos agentes de uma sociedade sequiosa sempre de maior quantidade de

agentes que promovam, solidária e democraticamente, a comunidade onde atuam, formando novos agentes para o mesmo mister.

Por tudo isso, a universidade deve ter, intensamente, uma atividade criadora. Nesse sentido é preciso que se entenda que a pesquisa deve envolver toda a instituição universitária, e não apenas, ser função localizada de acordo com o nível de ensino ministrado.

Esta idéia está bem nítida no plano nacional de pós-graduação que vem sendo implantado pelo Ministério da Educação e Cultura. A consolidação da forma institucional que abrigará os quadros acadêmicos de ensino e investigação apresenta-se prioritária a fim de que o seu desenvolvimento seja harmônico e proveitoso. É a garantia de que o ensino e a pesquisa estarão integrados dentro de uma instituição universitária capaz de gerir os programas de formação humana do mais alto nível sem perder consistência, nem produzir distorções.

Tal é, a meu ver, a função primordial da universidade. Tem lastro na confiança ilimitada que todos possuímos na inteligência brasileira. Mas, sobretudo, tem por base a esperança nas novas gerações. Acreditando nelas estamos selando a certeza do amanhã, construído sobre a herança cultural da sociedade que é de ontem, de hoje, de sempre.

Não se trata, pois, de proclamar o futuro, trata-se, isto sim, de ganhar o presente. E o presente somos todos nós que, de uma forma ou de outra, estamos envolvidos no processo humano sem nos darmos conta de que para vivê-lo é necessário construí-lo sempre.

Estamos convencidos de que saberemos dar-nos as mãos fraternalmente para defender os nossos ideais comuns. Sabemos que estamos e estaremos unidos para defender os nossos ideais comuns. Sabemos que estamos e estaremos unidos para construir a sociedade que desejamos. Sociedade na qual todos os homens tenham acesso aos bens e serviços necessários à vida. Sociedade na qual todos sejamos, efetiva,

leal e sinceramente, solidários. Sociedade livre: livre do medo, livre do ódio, livre das carências. Sociedade justa. Sociedade democrática.

São esses os propósitos que me animam. São essas as reflexões que julgo propícias para o ambiente universitário. É preciso semear novas idéias, acreditar nelas e construir a partir delas. Afinal, como teria dito Max Planck, grande figura da física contemporânea, as idéias novas não vencem porque convençam os defensores das velhas idéias, mas sim por que surge uma nova geração que cresce e se afirma com elas.